



**TENENTE APOLLO MIGUEL REZK:
SUA TRAJETÓRIA DURANTE
A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

*José Carlos Meireles da Silva
Fabíola Michelle Andrade de Oliveira*



Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal analisar a trajetória do Tenente Apollo Miguel Rezk, durante a Segunda Guerra Mundial. O militar incorporou no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro, realizando o curso de Oficial de 2ª Classe da Reserva de 1ª Linha, da Arma de Infantaria. Em 1941, foi designado para apresentar-se no Estágio de Instrução do Regimento Sampaio, e, ao término de sua capacitação, foi convocado para permanecer no estado efetivo daquela unidade. Após o Brasil ter declarado guerra à Alemanha e à Itália, resultado do afundamento de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães e italianos, começou uma série de iniciativas e tratativas entre o governo brasileiro e norte-americano, de modo a elaborar uma contraofensiva para coibir a agressão realizada pelas tropas alemãs. Em consequência, o Brasil deu início à preparação de uma tropa a fim de resguardar a soberania do país, assim como defender os interesses dos países aliados na guerra. Para isso, foi criada a Força Expedicionária Brasileira, com a finalidade de integrar as tropas dos países aliados, na qual o Tenente Apollo acabou participando da Campanha no Teatro de Operações da Itália.

Palavras-chave: Regimento Sampaio, Campanha da Itália, Segunda Guerra Mundial, Força Expedicionária Brasileira.

Abstract: The main aim of this article is to analyze the career of Lieutenant Apollo Miguel Rezk during the Second World War. The soldier joined the Reserve Officers' Training Center in Rio de Janeiro, taking the 2nd Class 1st Line Reserve Infantry Officer course. In 1941, he was assigned to take part in the Sampaio Regiment's Training Internship and, at the end of his training, he was called up to remain in the unit's effective status. After Brazil declared war on Germany and Italy as a result of the sinking of Brazilian merchant ships by German and Italian submarines, a series of initiatives and negotiations began between the Brazilian and US governments in order to devise a counter-offensive to curb the aggression carried out by German troops. As a result, Brazil began preparing troops to protect the country's sovereignty and defend the interests of the allied countries in the war. To this end, the Brazilian Expeditionary Force was created, with the aim of integrating the troops of the allied countries, in which Lieutenant Apollo ended up taking part in the Campaign in the Italian Theater of Operations.

Keywords: Sampaio Regiment, Italian Campaign, World War II, Brazilian Expeditionary Force.

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo visa analisar a atuação do Tenente Apollo Miguel Rezk no Teatro de Operações (TO) do Mediterrâneo durante a Segunda Guerra Mundial. O militar conseguiu conduzir de maneira implacável todas as missões que foram confiadas ao seu pelotão, tornando-se um verdadeiro exemplo para seus pares, superiores e subordinados pelos atos de bravuras e coragem, fruto do conhecimento adquirido por ocasião do curso de formação de oficiais da reserva. Seu desempenho em combate levou-o a ser condecorado com diversas medalhas, assim como recebeu diversos elogios de seus superiores no decorrer da guerra.

A vida militar do jovem Apollo teve início quando incorporou como aspirante a oficial de 2ª Classe da Reserva de 1ª Linha da Arma de Infantaria em 1937, no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro (CPOR/RJ), permanecendo nessa organização militar até 1939, ocasião em que



terminou o curso de oficial da reserva. Depois de três anos de estudo, Apollo foi designado para estagiar no 1º Regimento de Infantaria (RI), Regimento Sampaio¹, em 1941, onde concluiu com aproveitamento sua formação como oficial. Em seguida, o militar foi convocado e classificado para compor o efetivo do Regimento, a partir do ano de 1942.

Ressalta-se que, enquanto o Tenente Apollo iniciava sua carreira militar no 1º RI, a Segunda Guerra Mundial estava em andamento. Naquele momento, existia uma forte tensão no mundo sobre as questões militares que envolviam diversos países. Apesar disso, o Brasil mantinha uma política de neutralidade em relação ao conflito, mas seguia todos os protocolos firmados durante as duas primeiras Reuniões de Consulta aos Chanceleres das Repúblicas Americanas sobre a guerra.

Internamente, o governo brasileiro decretou regras a serem adotadas pelos cidadãos brasileiros e/ou estrangeiros em todo o território nacional. A legislação não permitia que os residentes do país praticassem quaisquer atos considerados incompatíveis com os deveres de neutralidade do Brasil.

Após o ataque à base norte-americana de Pearl Harbor, em dezembro de 1941, e diante dos compromissos assumidos no plano internacional pelo governo brasileiro, o ministro das Relações Exteriores Oswaldo Aranha, durante a Terceira Reunião de Consulta dos Chanceleres das Repúblicas Americanas, anunciou o rompimento das relações diplomáticas com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), já que o conflito estava tomando grandes proporções político-militares.

A declaração de Oswaldo Aranha fez com que diversos navios da Marinha Mercante do Brasil fossem torpedeados e afundados por submarinos alemães e italianos. Em consequência, o governo brasileiro reconheceu a existência de um estado de beligerância com a Alemanha e a Itália. Em 31 de agosto de 1942, a beligerância se transformou em declaração de guerra do Brasil contra os dois países, levando o governo brasileiro a criar a Força Expedicionária Brasileira (FEB).

APOLLO: O PENDOR PELA CARREIRA DAS ARMAS

Apollo Miguel Rezk, nascido em 9 de fevereiro de 1918, era filho de Miguel Jorge Rezk e de Suraia Miguel Rezk. Foi matriculado no 1º ano do curso ginasial do Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, em 28 de abril de 1930, a fim de realizar seus estudos. Após concluir seu curso, Apollo, “aos 17 anos, deu entrada em um requerimento na Escola Militar de Realengo, localizada no Rio de Janeiro”, em 21 de dezembro de 1935, solicitando sua inscrição no exame vestibular para o Corpo de Cadetes daquela instituição de ensino.

O comando da Escola Militar de Realengo publicou, em seu boletim interno nº 25, de 30 de janeiro de 1937, a relação dos candidatos inscritos no curso. Entre eles, estava o nome de Apollo, convocado para comparecer à secretaria daquele estabelecimento de ensino com a finalidade de ser submetido ao exame médico³.

A Escola publicou, no boletim interno nº 28, de 3 de fevereiro de 1937, o resultado do exame médico dos candidatos, no qual constava o nome de Apollo Miguel Rezk, entre os aprovados⁴. Por ter sido considerado apto, Apollo ficou em condições de prosseguir em uma nova etapa do exame admissional, que ainda iria acontecer naquela Escola. Mais tarde, foi publicado no boletim escolar nº 36, de 13 de

¹Atual 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado (Escola), 1º BI Mec (Es), com sede na Guarnição da Vila Militar, Rio de Janeiro/RJ.

²Pasta individual do Major Apollo Miguel Rezk, acervo do Arquivo Histórico do Exército (AHEx).

³Ibid.



fevereiro de 1937, a relação dos candidatos habilitados para realizar a prova escrita de redação e estilística do concurso, onde o nome do Apollo constava para prestar o exame na sala nº 42 do referido estabelecimento de ensino⁵.

Em 12 de março de 1937, no boletim escolar nº 49, foi publicada a convocação de Apollo Rezk para ser submetido a outra fase do concurso: o exame físico. No período determinado pela comissão, o candidato realizou a corrida, percorrendo a distância de 3.300m. O resultado dessa fase foi publicado no boletim escolar nº 55, de 8 de março de 1937, da Escola Militar de Realengo. Embora o jovem Apollo tivesse participado de todo o processo seletivo do concurso, ainda assim não conseguiu ingressar naquele estabelecimento de ensino⁶.

Em virtude disso, Apollo decidiu prestar o exame para o CPOR/RJ, sendo submetido, em 2 de abril de 1937, à inspeção de saúde realizada pela Junta Militar de Saúde, na qual foi julgado apto para o Serviço do Exército. Conseqüentemente, Apollo foi matriculado no primeiro ano do Curso de Infantaria daquele estabelecimento de ensino, com o número de aluno 761.

Em setembro de 1937, o militar concluiu com aproveitamento a primeira fase do curso de aspirante a oficial, obtendo a média final de 7,31. Após finalizar com êxito a primeira etapa, Apollo foi matriculado para cursar o segundo ano, começando sua atividade a partir de 14 de abril de 1938, “sendo aprovado com a média de acordo com o inciso 1º do artigo 38, do Regulamento para os alunos do CPOR, ficando apto a cursar o terceiro ano naquele estabelecimento de ensino”⁷.

Em 29 de novembro de 1939, o militar concluiu o curso de oficiais, sendo classificado em 10º lugar, em uma turma de 70 alunos. A partir daí, prestou o compromisso do juramento à Bandeira Nacional, conforme o artigo 280, do Regulamento de Continências e respectivo compromisso de aspirante da reserva. Na mesma data, foi declarado aspirante a oficial de 2ª Classe de Reserva de 1ª Linha, de acordo com o artigo 55, do Regulamento do CPOR, sendo desligado por conclusão de curso⁸.

Em 31 de maio de 1941, Apollo foi convocado para frequentar o Estágio de Instrução de três meses no 1º RI, ficando adido à 9ª Companhia (9ª Cia). Após ter concluído com aproveitamento seu exercício profissional, foi desligado do estado efetivo do Regimento Sampaio, no dia 30 de agosto de 1941.

Em 18 de dezembro de 1942, foi publicada a Portaria Ministerial nº 3.196, de 15 de abril do corrente, convocando e classificando o Segundo-Tenente Apollo para compor o efetivo do Regimento Sampaio, como subalterno da 4ª Companhia da 2ª Batalhão⁹. Pelos feitos realizados na subunidade, no dia 12 de maio de 1943, foi elogiado pelo Capitão Carlos Ribeiro Trovão, comandante da companhia:

louvo, [...] o 2º Tenente Apollo, pelas provas que tem dado de lealdade, interesse, esforço útil, disciplina e capacidades de suas funções, que muito auxiliou este Comando na parte administrativa e disciplinar, quer nos trabalhos de instrução de seu Pelotão¹⁰.

⁴Ibid.

⁵Ibid.

⁶Ibid.

⁷Folhas de alterações do major Apollo Miguel Rezk, acervo do CPOR/RJ.

⁸Ibid.

⁹Folhas de alterações do major Apollo Miguel Rezk, acervo do Regimento Sampaio, atual 1º BI Mec (Es).



Em 17 de maio de 1943, o Tenente-Coronel Adamastor Emilio Haydt, ao passar o comando do 2º Batalhão, concedeu elogio ao Tenente Apollo “pelo acentuado espírito de disciplina e harmonia que possui, pela valiosa cooperação que deu à instrução, muito concorrendo para que o batalhão se apresentasse instruído e disciplinado, pronto a atender às ordens das autoridades superiores”¹¹.

Em 17 de dezembro de 1943, o presidente da República, Getúlio Vargas, conforme o disposto no artigo 28, do Decreto-Lei nº 5.486, de 14 de maio de 1943, promoveu ao posto de primeiro-tenente o Segundo-Tenente Apollo. Após sua promoção, em 27 de dezembro do mesmo ano, o comandante do regimento transcreveu o elogio formulado pelo General Mauricio Cardoso, louvando o militar pela dedicação demonstrada no serviço, cooperando na esfera de suas atribuições para que todas as “ordens sob administração e instrução, emanadas dos escalões superiores, fossem estritas e rigorosamente cumpridas, o que permitiu que, nessa fase de preparação para a guerra, fosse mantida a tradição do Regimento Sampaio”¹².

Os elogios conferidos ao Tenente Apollo por seus superiores confirmam a relevância dos trabalhos que foram desenvolvidos pelo militar durante os exercícios do Regimento Sampaio. Percebe-se que, ao ingressar na carreira das armas, já possuía verdadeiro pendor pela vida da caserna, tornando-se um profissional comprometido, absorvendo todos os conhecimentos estratégicos ministrados nas instruções de campo, já que existia a possibilidade de participação do Brasil no TO da Itália.

CRIAÇÃO E PREPARAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

Após a declaração de guerra pelo Brasil, inicialmente quase nada foi feito, na prática, de modo a preparar uma força militar capaz de combater as tropas do Eixo, já que o Exército Brasileiro possuía poucos recursos financeiros, assim como existia muita dificuldade em organizar uma tropa nos moldes estabelecidos pelos norte-americanos.

Inicialmente, a principal preocupação do Alto Comando do Exército era reforçar o Saliente Nordestino, uma vez que havia a possibilidade de o país ser invadido naquela região. O General João Baptista Mascarenhas de Moraes, comandante da 7ª Região Militar (7ª RM), antes de assumir o comando da FEB, “desenvolveu um grande esforço para aparelhar a localidade, aumentando seus efetivos militares e usando todos os meios colocados à sua disposição” (Silveira, 2001, p. 49).

O esforço feito pelo comandante da 7ª RM foi reconhecido pelos Aliados, em particular pelo residente dos Estados Unidos da América (EUA), Franklin Delano Roosevelt. Em virtude disso, o Presidente Roosevelt procurou saber se as “tropas brasileiras poderiam ocupar as ilhas portuguesas situadas na costa da África (Açores, Ilha da Madeira e Ilha do Sal), onde havia importantes posições estratégicas, uma vez que o Brasil tinha grandes laços de amizade com Portugal” (Ibid., p. 50).

Em resposta, o presidente brasileiro informou que poderia enviar tropas para ocupar a região, desde que fosse disponibilizado material adequado ao cumprimento da missão. O assunto, no entanto, não passou de uma simples sondagem do governo estadunidense, visto que já havia supostas negociações acerca do emprego de tropas brasileiras no conflito, sem que ainda estivesse definida a localidade.

¹⁰Ibid

¹¹Ibid

¹²Ibid

Apesar de haver várias especulações no tocante à utilização das tropas brasileiras, “a criação da FEB teve como marco inicial a Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos [CMMBEU] e, como ponto de partida, a autorização que o Presidente Getúlio Vargas deu ao General Leitão de Carvalho, no dia 29 de março de 1943” (Ibid., p. 51).



Figura 1 – O Tenente Apollo ao volante de um jipe, durante a preparação da FEB
Fonte: Monteiro, 2006

A partir daí, deu-se início ao planejamento, em conjunto, entre os oficiais brasileiros e norte-americanos, buscando uma forma de empregar a FEB no TO da Itália. Na verdade, as tropas brasileiras já estavam se preparando para uma possível participação no conflito.

Ao examinar a pasta do Regimento Sampaio, preservada no Arquivo Histórico do Exército (AHEx), verifica-se que, em 1942, o 1º RI realizou diversas manobras no Rio de Janeiro, em geral, nas regiões de Bangu, Angra dos Reis e Honório Gurgel. Embora o adestramento das organizações militares (OM) seja muito comum no âmbito do Exército Brasileiro, mesmo assim, acredita-se que já era esperada a possibilidade de ser emitido um decreto com a finalidade de regular a formação de um contingente para atuar na Itália.

Em 9 de agosto de 1943, foi publicada a “Portaria Ministerial nº 4.744, estabelecendo as primeiras medidas de estruturação da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE)” – (Moraes, 2005, p. 25), fixando diversas OM, entre elas o Regimento Sampaio. Após a publicação da portaria, o General Euri-



co Gaspar Dutra, ministro da Guerra, enviou um telegrama “urgentíssimo” ao General Mascarenhas de Moraes, perguntando se ele aceitaria comandar uma das divisões que constituiriam o Corpo Expedicionário. Em seguida, o militar respondeu afirmativamente, já que existia a possibilidade de comandar as tropas brasileiras na Itália.

Em 7 de outubro de 1943, o General Mascarenhas de Moraes foi designado para organizar e instruir a 1ª DIE. Sua primeira obrigação, no entanto, foi realizar um estágio nos EUA de modo a adquirir conhecimentos necessários, nos moldes norte-americanos, visando adestrar as tropas brasileiras para atuar nos campos de batalha. Na época, o Exército Brasileiro estava sendo instruído por uma operosa Missão Militar Francesa (Ibid., p. 27) no tocante à organização, aos regulamentos e a todos os processos de combate que eram baseados na chamada “escola francesa”.

A necessidade de nivelar as tropas brasileiras acarretou uma série de problemas, alguns de difícil solução. Mesmo assim, em curto prazo, foram feitas várias modificações, proporcionando uma satisfatória eficiência da 1ª DIE. A partir daí, o Regimento Sampaio começou a realizar a “inspeção de saúde nos militares da OM, a fim de transformar o atual efetivo do Regimento Sampaio em uma [...] organização do tipo FEB, a partir de 2 de janeiro de 1944”¹³.

Em virtude da nova organização, em 21 de fevereiro de 1944, “o batalhão foi inesperadamente visitado por oficiais do Exército dos EUA, os quais ficaram magnificamente impressionados pela rapidez e ordem com que o regimento atendeu aos toques de formatura”¹⁴. Consequentemente, no dia 1º de março de 1944, a unidade foi elogiada pelo Coronel Milton Hill, dos EUA, “que enviou ao batalhão as suas sinceras congratulações pela ótima apresentação da OM, cujo garbo e entusiasmo realmente impressionaram, deixando bem antever o seu alto padrão eficiência”¹⁵.

Apesar de o elogio constar nas folhas de alterações do Tenente Apollo, percebe-se que o reconhecimento ocorreu, possivelmente, de forma coletiva, pois os mesmos dizeres estão escritos na pasta do Regimento Sampaio, retirada do AHEx, com enaltecimentos a todo o efetivo do Batalhão. A partir dessa visita, assim como os elogios proferidos pelos militares dos EUA, constatou-se efetivamente a oportunidade de o Exército Brasileiro ser realmente empregado nos campos de batalha da Itália.

Partindo desse pressuposto, os exercícios das tropas brasileiras se intensificaram em várias localidades do Brasil. O Regimento Sampaio, por exemplo, na noite do dia 29 de junho de 1944, “deslocou-se de sua sede para a região sudeste de Santa Cruz a fim de tomar parte nas manobras da 1ª DIE, constituindo o grupamento de instrução nº 1, sob o comando do Coronel Aguinaldo Caiado de Castro”¹⁶.

DO EMBARQUE NO RIO DE JANEIRO AO DESEMBARQUE DA FEB NA ITÁLIA

Em 1º de julho de 1944, o batalhão retornou da manobra, por via férrea e rodoviária, chegando à zona oeste do Rio de Janeiro. Ao regressar do exercício militar, o jornal *A Noite* ofereceu ao Regimento um rico estandarte de guerra, entregue na presença do General Eurico Gaspar Dutra. No mesmo ato, o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, abençoou a insígnia.

¹³Pasta do Regimento Sampaio, acervo do AHEx.

¹⁴Ibid.

¹⁵Ibid.

¹⁶Ibid.



Após a manobra de Santa Cruz, o Tenente Apollo foi elogiado por seu comandante de regimento, pelos excelentes resultados, por ocasião da finalização da etapa de organização de embarque da OM. O Coronel Caiado fez uma menção honrosa ao militar por enfrentar, com sinceridade e entusiasmo, os inúmeros complexos problemas “que se apresentaram e os resolveu com inteligência e habilidade. [...] Semelhante resultado só poderiam ser obtidos, pela dedicação dos quadros e exata compreensão dos deveres por todos revelados e pela extraordinária harmonia reinante nesta Unidade”¹⁷.

O elogio proferido pelo comandante do batalhão, assim como a entrega do estandarte de guerra, eram evidências de que, a qualquer momento, o RI poderia embarcar para o TO da Itália. Sendo assim, em 22 de setembro de 1944, o Regimento Sampaio, com um efetivo de cerca de 167 oficiais e 3.265 praças, sob o comando do Coronel Caiado, embarcou, pelo armazém nº 11, do porto do Rio de Janeiro, no navio de transporte da Marinha de Guerra dos EUA *USS Gen. W. A. Mann*, com destino ao conflito¹⁸.

Três escalões embarcaram com destino à zona de conflito. O primeiro embarque ocorreu em 2 de julho de 1944, sob o comando do General Euclides Zenóbio da Costa, tendo chegado a Nápoles no dia 16 de julho. Em 22 de setembro do mesmo ano, embarcou o segundo escalão, comandado pelo General Oswaldo Cordeiro de Faria, chegando a Nápoles no dia 6 de outubro. Quanto ao terceiro escalão, o embarque também ocorreu no dia 22 de setembro, tendo como chefe imediato o General Olympio Falconière da Cunha, chegando a Nápoles também no dia 6 de outubro de 1944 (Moraes, 2005).

Segundo Ruy Leal Campello, durante os deslocamentos dos navios, foi exigida rigorosa disciplina, assim como um extenuante trabalho por parte de oficiais e graduados, de modo a cumprir as ordens da tripulação. Campello menciona haver constantes “exercícios de desembarque, abandono do navio e alarme antiaéreo [...] que mantinham a tropa em permanente atenção” (Campello, 1999, p. 25). Além disso, o serviço de permanência nos compartimentos da embarcação era realizado pelos oficiais. Assim sendo, os militares deveriam usar os coletes salva-vidas, considerados de caráter obrigatório para todos os tripulantes e passageiros do navio.

Segundo consta nos documentos extraídos da pasta do Regimento Sampaio, a embarcação que estava levando as tropas brasileiras chegou, por volta das 8h, ao porto de Nápoles/Itália. Por determinação superior, o regimento menos duas companhias do 2º Batalhão – a 4ª e a 5ª – continuou embarcado. As companhias seguiram para a região de Bagnoli, subúrbio de Nápoles, já que não existiam alojamentos para todos os militares da FEB¹⁹.

Para Joaquim Xavier da Silveira, os escalões, ao chegarem a Nápoles, foram ocupando vários pontos do TO. Segundo Silveira, a tropa do primeiro escalão deslocou-se do acampamento de Agnano para a localidade de Bagnoli, iniciando o período de adaptação e treinamento. “Em Bagnoli, o comando americano teve oportunidade de conhecer melhor os soldados brasileiros, seu estado de saúde, aptidão física e disciplina” (Silveira, 2001, p. 65).

¹⁷Folhas de alterações do Major Apollo Miguel Rezk, acervo do Regimento Sampaio, atual 1º BI Mec (Es).

¹⁸Pasta do Regimento Sampaio, acervo do AHEx.

¹⁹Ibid.



Silveira afirma que os soldados do segundo e terceiro escalões desembarcaram em Nápoles no dia 6 de outubro de 1944. Em seguida, foram deslocados por barcaças tipo LCI²⁰ da Marinha dos EUA para o porto de Livorno, chegando por volta das 14h do dia 11 de outubro (Ibid., p. 67), “desembarcando somente as turmas de estacionadores, que se dirigiram à região de Vecchie, chegando às 19h a fim de preparar o acampamento”²¹. Os demais componentes do batalhão foram transportados em caminhões para a região da Tenuta di San Rossore, aonde os seus últimos elementos chegaram às 16h do dia 12 de outubro de 1944.

A CONQUISTA DE MONTE CASTELLO E SUAS PRIMEIRAS CONDECORAÇÕES

Na pasta do Regimento Sampaio, consta que, em 22 de novembro de 1944, a unidade entrou em linha na frente de combate, substituindo o 6º Regimento de Infantaria (6º RI) na região de Porreta. No mesmo dia, devido às fortes ações do inimigo, a unidade acabou perdendo três militares em combate. Em 23 de novembro de 1944, os alemães investiram fortemente durante toda a noite contra a 5º Companhia e o 3º Batalhão, sendo repelidos pelos soldados brasileiros. No dia 27 de novembro, os ataques continuaram, dessa vez com os aviões inimigos sobrevoando as posições brasileiras, lançando bombas sobre as ravinas. Segundo consta na pasta do Regimento Sampaio, foi a primeira vez que a unidade teria sido hostilizada pela aviação inimiga.

O Coronel Caiado elogiou os integrantes do regimento pelo entusiasmo e bravura, afirmando que os conhecimentos adquiridos puderam suportar “com calma e sangue-frio serrado [*sic*] bombardeio do inimigo [...], que lançou mais de mil granadas de morteiros e artilharia. Inclusive, projetis incendiários sobre as posições das tropas brasileiras, além de pequeno bombardeio aéreo”²².

Ressalta-se que o soldado brasileiro estava diante de um inimigo poderoso, bem adestrado, fanatizado por ideias de prepotência, gozando da supremacia do terreno e aproveitando a baixa temperatura existente na localidade. Embora os pracinhas estivessem em terras estranhas, enfrentando todos os males, não se acovardaram. Pelo contrário, cientes de seus deveres para com a pátria, marcharam firmes para o combate.

Em 6 de dezembro de 1944, começaram outros estudos para um novo ataque a Monte Castelo. O comandante do V Exército queria retomar a ofensiva antes do inverno. Para isso, “o comandante do IV Corpo determinou à 1ª DIE, como operação preliminar, capturar e manter a crista Belvedere-Della Torracia”²³. Sendo assim, “o chefe brasileiro acompanhado dos Generais Zenóbio da Costa e Cordeiro de Farias, de seus chefes de estado-maior e dos chefes de 3ª seção, procederam cuidadosamente o reconhecimento do terreno, tendo em vista o cumprimento da missão recebida” (Moraes, 2005, p. 115).

O General Mascarenhas de Moraes sabia da importância que representava a posição de Monte Castelo, já que a conquista da região, antes que toda sua tropa entrasse em linha, seria considerada um ponto estratégico muito importante para os Aliados. Para Silveira, “a dificuldade do terreno em que operava a tropa brasileira era imensa, basta dizer que todas as estradas que serviam ao vale ficavam ao alcance dos tiros de morteiros e, em inúmeros trechos, de tiros diretos das armas automáticas” (Silveira, 2001, p. 160).

²⁰LCI – Landing Craft Infantry, embarcação de desembarque de infantaria.

²¹Pasta do Regimento Sampaio, acervo do AHEx.

²²Folhas de alterações do Major Apollo Miguel Rezk, acervo do Regimento Sampaio, atual 1º BI Mec (Es).

²³Instruções de Operações nº 72, de 5 de dezembro de 1944.



O dia 12 de dezembro de 1944 foi a data marcada pelo comando para as tropas brasileiras realizarem mais uma ofensiva a Monte Castelo. Kepler Borges afirma que os meios utilizados pelas tropas brasileiras, dessa vez, na luta contra o oponente estrangeiro, seriam mais eficazes. Segundo o autor, “o ataque teve início com o 2º e 3º Batalhões do 1º RI, apoiados por três grupos de artilharia, Companhia de Obuses do 1º e do 11º RI e a Companhias de Petrechos Pesados do 11º RI” (Borges, 1947, p. 74).

Silveira assevera que, embora o cenário estivesse pronto, mesmo assim seria um dos mais duros combates a ser enfrentado pela FEB. Segundo o autor, quando amanheceu o dia, já era evidente “ver diversos grupamentos de homens que se esgueiravam, na tentativa de atingir seus objetivos. O inimigo, que guardava as cristas do morro, vigilante, a cavaleiro da situação, desencadeou tremenda barragem de fogo” (Silveira, 2001, p. 163).

No dia escolhido para atacar a região, a localidade estava sob forte influência do clima (chuva e nevoeiro), assim como as condições do terreno não eram favoráveis (íngreme, enlameado e escorregadio), dificultando o deslocamento dos soldados brasileiros. Para Branco (1960, p. 269), outros fatores também prejudicaram o avanço das tropas, como, por exemplo, “a falta de agressividade dos carros de combate, que se limitaram a realizar fogos longínquos sobre certos alvos, bem como a ausência da força aérea, mais uma vez tramada pelo tempo reinante”.

Embora as tropas brasileiras não tivessem obtido muito sucesso no dia 12 de dezembro, o pelotão do Tenente Apollo conseguiu atacar algumas casamatas, conforme consta em suas folhas de alterações. Na ocasião, o Major Syseno Sarmiento, comandante do 2º Batalhão, elogiou-o pelo entusiasmo e pela bravura durante o ataque realizado no dia 12 de dezembro, quando avançou com seu pelotão, “ultrapassando as primeiras organizações inimigas e assaltando as casamatas, sendo colhido por fogos intensos de armas automáticas pela frente, flancos e retaguarda, só retraindo depois de sofrer numerosas perdas e ser impossível manter o ponto atingido”²⁴.

Apesar de o pelotão do Tenente Apollo ter realizado um excelente trabalho, ainda assim foi insuficiente para conquistar a localidade. Possivelmente, a FEB tenha enfrentado uma região de difícil acesso em toda a Campanha da Itália. O General Mascarenhas de Moraes, em “suas memórias, inclusive confessa o fracasso com grande amargura, apesar de o General Crittenberger reconhecer que os sucessivos ataques brasileiros a Monte Castelo tenham desafogado bastante a pressão do inimigo no flanco direito do IV Exército” (Silveira, 2001, p. 167).

Em 8 de fevereiro de 1945, o General Crittenberger convocou os comandantes de suas divisões a fim de realizar uma reunião em seu quartel-general (QG), na localidade de Lucca. Na oportunidade, compareceu o General Zenóbio da Costa, respondendo pelo comando, já que o General Mascarenhas de Moraes estava em Nápoles. O comandante interino estava “acompanhado do Tenente-Coronel Castello Branco, chefe da 3ª Seção do Estado-Maior da 1ª DIE, e do Major Vernon Walters, oficial norte-americano nas funções de intérprete” (Branco, 1960, p. 126).

Durante a reunião, foi divulgado o novo plano americano destinado a conquistar a Linha Gótica²⁵, que consistia em uma grande ofensiva prevista para a segunda quinzena de fevereiro de 1945. A incursão, inicialmente, “seria realizada pelo IV Corpo [...], de ampla envergadura e que seria desfechada na estação

²⁴ Folhas de alterações do Major Apollo Miguel Rezk, acervo do Regimento Sampaio, atual 1º BI Mec (Es).

²⁵ A Linha Gótica foi uma das últimas e grandes defesas elaborada pelos alemães na Segunda Guerra Mundial. Construída em uma extensão de 280km, a série de linhas de defesa nazifascistas, no norte da Itália, partia da região costeira do Mar Tirreno, nas regiões de Carrara e La Spezia, passava pela cadeia de montanhas dos Apeninos e terminava a leste, nas áreas de Pesaro e Rimini. Sua finalidade principal era retardar ao máximo, e se possível bloquear, os avanços aliados na Campanha da Itália. Ver O'REILLY, Charles. *Forgotten battles: Italy's war of liberation, 1943-1945*. Lexington: Lexington Books, 2001.



primaveril” (Ibid.). A missão de atacar Monte Castelo, contudo, só foi confirmada “na ordem do IV Corpo, expedida para o QG brasileiro em 12 de fevereiro de 1945. A notícia foi recebida com grande júbilo pela oficialidade” (Silveira, 2001, p. 168). Silveira menciona que os insucessos anteriores da FEB haviam produzidos inúmeras frustrações ao comando, assim como na tropa, mas agora era a hora de demonstrar o entusiasmo dos soldados brasileiros perante a nova missão (Ibid., p. 169).

Em 16 de fevereiro de 1945, foi marcada uma nova reunião pelo Alto Comando Aliado, no QG do IV Corpo, com a presença de vários oficiais, em especial, os dois comandantes das divisões que participariam dos ataques, os Generais Mascarenhas de Moraes, pela FEB, e George Price Hays, comandante da 10ª Divisão de Montanha dos EUA, de modo a traçar mais detalhes da missão. Após o encontro, foram organizados os preparativos finais para a grande operação, sendo “escolhido o posto de comando (PC) do comandante da 1ª DIE, em C. Gabelle, magnífico posto de observação em cujas proximidades também foi instalado o PC do General Cordeiro de Farias, que iria comandar a artilharia a ser empregada no ataque” (Ibid., p. 170).

Na madrugada do dia 20 para 21 de fevereiro de 1945, “o 1º RI iniciou a quarta ofensiva contra Monte Castelo, ocupando Fornace com o 1º Batalhão, e C. Viteline e as Cotas 718, 744 e 779, com o 3º Batalhão” (Borges, 1947, p. 76). O autor afirma que, ao amanhecer do dia 21, o 1º Regimento lançou-se na ofensiva, com apoio total [...] “dos aviões brasileiros e norte-americanos, que bombardearam e metralharam as posições inimigas no decorrer de toda a operação de ataque” (Ibid.). O combate se prolongou, porém, durante todo o dia, já que as dificuldades do terreno e a resistência do inimigo tornaram a progressão lenta e difícil para a FEB.

Finalmente, a partir das 17h40min do dia 21, após horas e horas de renhida luta, o 1º RI ocupou definitivamente a tão cobiçada elevação. A região representou o caminho para a vitória das forças brasileiras no TO. “Pouco depois, iniciou-se a limpeza de seu terreno, que se prolongou durante toda a noite de 21 para 22 de fevereiro de 1945, quando ainda se faziam prisioneiros” (Ibid.).

Após a ocupação de Monte della Casellina, o objetivo da divisão brasileira seria a tomada da linha Roncovecchio-Seneveglio, que poderia chegar à “região da Cota 958-La Serra, onde tinham sido assinaladas numerosas armas automáticas inimigas” (Moraes, 2005, p. 136). Desse modo, o comandante da 1ª DIE, dentro do espírito da missão atribuída à sua tropa, encarou que a conquista da localidade “seria um desdobramento do Monte della Torracchia, o que seguramente proporcionaria um consequente desafogo aos montanhese norte-americanos detidos em La Possione e adjacências” (Ibid.).

Coube ao 2º Batalhão do Regimento Sampaio realizar a ação pela linha do Malandrone (Cota 826)–Bela Vista (Cota 907), durante o anoitecer do dia 23 de fevereiro de 1945. No mesmo dia, após a preparação da artilharia e dos morteiros, a 6ª Companhia do batalhão saiu em busca de conquistar a linha da Cota 958-La Serra. Segundo Borges, houve uma intensa perseguição aos oponentes, já que eles ocupavam as posições privilegiadas. Mesmo assim, “os valentes soldados do batalhão avançaram sem esmorecimento e certos da vitória, desalojando o inimigo de suas casamatas e repelindo com fortes contra-ataques” (Borges, 1947, p. 79).

Moraes afirma que, embora tenham ocorrido diversas tentativas, ainda assim, a 6ª Companhia do 2º Batalhão, “reforçada por alguns pelotões, depois de obstinada resistência, provocou uma verdadeira balbúrdia no dispositivo da 232ª Divisão de Infantaria alemã. O fato foi declarado posteriormente por alguns prisioneiros da grande unidade inimiga” (Moraes, 2005, p. 136-137). A vitória da FEB na região da Cota 958-La Serra só ocorreu, todavia, no dia 25 de fevereiro de 1945.



Diante da preciosa conquista, o Capitão Wolfgang Teixeira de Mendonça, comandante da 6ª Companhia, formulou o seguinte elogio ao Tenente Apollo, no dia 22 de março de 1945:

Ao 1º Tenente Apollo Miguel Rezk, para quem cada ação de combate é um pretexto para evidenciação de suas belas qualidades de soldado, pela excelência no comando de pelotão, conduzindo ao objetivo mais pelo exemplo do denodo de seu chefe do que por simples ordens aos subordinados, conquistou La Serra, em cujas ruínas se mantiveram até serem evacuados algumas horas depois de ser ferido. [...] Suportou contra-ataques e esteve cercado durante quase toda a primeira noite. Fez cinco prisioneiros enquanto no comando do pelotão, sendo ferido em combate, permanecendo cerca das 23 horas do dia 23 de fevereiro, só podendo ser evacuado na manhã seguinte, cerca das 10 horas, devido ao intenso bombardeio da artilharia e morteiros a que estava sujeito sua posição. [...] Mesmo ferido, contra-atacado e cercado, em momento algum pensou em retrair. Revelou bravura, firmeza e acerto de decisão, excepcional calma em presença do inimigo, exata noção de seus deveres em combate a par de elevados sentimentos de honra militar e superior capacidade de sacrifício²⁶.

Borges (1947) afirma que Monte Castelo, em especial, a região de La Serra, sempre será lembrado, pois representa a bravura dos soldados brasileiros que tombaram em combate nessa localidade. A coragem do Tenente Apollo, “mesmo ferido por uma granada inimiga” (Mergulhão, 2014, p. 147), evidenciou seu compromisso com a pátria, no momento em que a 1ª DIE mais precisava dele para conquistar a Cota 958. As qualidades do Tenente Apollo foram reconhecidas pelo comandante do V Exército, que acabou agraciando o militar com a medalha Silver Star, conforme publicado no Boletim Interno nº 83, de 24 de março de 1945, da 1ª DIE (**figura 2**)²⁷.

Segundo o historiador Carlos Daróz (2010), a medalha Silver Star (que, em português, significa “Estrela de Prata”) é considerada a terceira mais alta condecoração militar que pode ser concedida a um membro das Forças Armadas dos EUA, e o terceiro maior prêmio dado por valor diante do inimigo. A medalha foi criada em 1932, originalmente a fim de agraciar apenas militares americanos pelo ato de bravura em ação contra um inimigo dos EUA, mas, depois, acabou sendo concedida a outras personalidades, inclusive estrangeiros (Ibid.).

Após o recebimento da comenda, o general comandante da 1ª DIE mandou publicar, no Boletim Interno nº 99, de 9 de abril de 1945, o seguinte elogio:

Ao 1º Tenente Apollo Miguel Rezk, o seu pelotão integrava a 6ª Cia no ataque à linha La Serra-Cota 958 e no conjunto da subunidade, apossar-se de La Serra. Na primeira parte da noite se lança na ação. Não obstante o violento bombardeio de artilharia e de morteiros que caiu sobre o terreno, o pelotão progride; alcança o objetivo, investe contra a posição e nela se instala sumariamente. Não terminou, porém, o esforço do pelotão do Tenente Apollo. Imediatamente, porém os alemães contra-atacavam seu resultado, uma vez que a resistência dos brasileiros era forte. O Tenente Apollo foi ferido, e só na manhã seguinte pôde ser evacuado por causa dos constantes bombardeios e dos contra-ataques dos inimigos. A personalidade, a tenacidade, o destemor do Tenente Apollo constituem belos exemplos, dignos da tropa brasileira²⁸.

²⁶ Folhas de alterações do Major Apollo Miguel Rezk, acervo do Regimento Sampaio, atual 1º BI Mec (Es).

²⁷ Ibid.

²⁸ Ibid.



Figura 2 – O Tenente Apollo ostentando sua Silver Star, recebida pelos atos de bravura na região de La Serra
Fonte: Monteiro, 2006

Em 16 de abril de 1945, o Tenente Apollo foi elogiado pelo comandante do Regimento Sampaio, Coronel Caiado, por ter conquistado a Cota 958-La Serra. Apesar do intenso bombardeio, da forte resistência e de vários contra-ataques de inimigos, o pelotão do militar “facilitou o avanço das tropas norte-americanas no flanco esquerdo, garantindo nova base de partida e realizando operações audaciosas e de grande alcance para as operações”²⁹.

Os elogios que foram consignados ao Tenente Apollo demonstram a importância da região para o avanço das tropas aliadas. A conquista de La Serra sempre estará ligada à bravura dos soldados brasileiros que deram suas vidas em prol de um bem comum. Para Silveira, a vitória de Monte Castelo deu um grande alívio às tropas brasileiras, assim como para o comando da 1ª DIE (Silveira, 2001, p. 174). O General Willis D. Crittenger, comandante do IV Corpo de Exército, mandou felicitar os militares brasileiros pela conquista de La Serra, já que a região era considerada de suma importância para as operações futuras.

²⁹Ibid.



A TOMADA DE MONTESE, RENDIÇÃO ALEMÃ E AS MEDALHAS RECEBIDAS

Em 14 de abril de 1945, as forças do V Exército iniciaram uma ofensiva em outra localidade, onde a FEB ficou responsável por duas frentes bem definidas. Segundo Moraes (2005), a primeira fase foi o lançamento de patrulhas, “constituídas de pelotões reforçados por turmas de mineiros, destinados a capturar a linha Casone-II Cerro-Possessione-Cota 745; a segunda constou de uma ação de ruptura que se propunha a conquistar a região de Montese-Cota 888-Montello” (Moraes, 2005, p. 165).

As patrulhas foram liberadas a partir das 10h15min, no mesmo momento em que a 10ª Divisão de Montanha iniciava sua ofensiva. Cláudio Skora Rosty afirma que os primeiros pelotões se deslocaram, a fim de ocupar as posições mais adiante, servindo de linha de partida para a ofensiva propriamente dita. “Apesar dos intensos fogos da artilharia inimiga, os pelotões avançaram, demonstrando elevado espírito combativo, conseguindo conquistar, à custa de muitos esforços, a Cota 749 (noroeste de Casore), II Cerro-Possessione-Cota 750” (Rosty, 2023).

Após o encerramento da primeira fase, em que foram conquistados todos os pontos determinados às diversas unidades, a partir das 13h30min, teve início uma nova preparação de ataque pela artilharia, “cabendo aos pelotões da testa abrir passagens para os demais” (Ibid.). Nessa incursão, porém, a FEB “contou com o apoio dos blindados e dos fumígenos de uma companhia de morteiros químicos, todos pertencentes aos norte-americanos” (Moraes, 2005, p. 166).

O combate assumiu grandes proporções, demonstrando que o inimigo não iria se render facilmente, já que os alemães não davam trégua e reagiam fortemente aos ataques da tropa brasileira. Apesar de os alemães defenderem com exemplar tenacidade as posições, a artilharia comandada pelo General Cordeiro de Farias fez a diferença no combate. Para Moraes (2005), a região de Montese era um objetivo de grande importância e de significação especial na manobra da ofensiva do IV Corpo (Ibid., p. 174).

Em 15 de abril, o 11º RI continuou o ataque, “procurando conquistar o objetivo representado pela linha geral da Cota 888-Montello, coberto à direita pela progressão do 2º Batalhão do Regimento Sampaio rumo à Cota 778”, uma vez que, ao conquistar a posição, poderia facilitar o prosseguimento das operações. De acordo com Moraes, “os batalhões do escalão atacaram em busca dos seus ideais, mas foram fortemente hostilizados por bombardeios incessantes de morteiros e canhões” (Ibid., p. 169). Mesmo assim, a elevação foi conquistada.

Segundo Rosty, no mesmo dia, por volta das 15h30min, “a 6ª Companhia determinou ao pelotão do Tenente Apollo que atacasse a Cota 758 e procurasse soldar-se a Prossessione, onde se encontrava o pelotão do Tenente Rosa” (Rosty, 2023). Apesar dos esforços, o Tenente Apollo não conseguiu progredir no terreno, permanecendo na Cota 744, já que os soldados receberam intensos bombardeios da artilharia e de morteiros do inimigo, instalados naquele reduto. Moraes afirma que, durante quatro dias, a artilharia alemã martelava com severidade os soldados brasileiros. Nesse período, “somente o maciço de Montese recebeu mais tiros da artilharia inimiga que o restante da frente do IV Corpo, guarnecida então por quatro divisões” (Moraes, 2005, p. 174).

Nas folhas de alterações do Tenente Apollo, consta a transcrição publicada nos boletins internos, em junho de 1945, pela 1ª DIE, dos elogios coletivos elaborados pelos Generais Mark W. Clark, comandante do XVI Grupo de Exércitos, e Willis Crittenberger, comandante do IV Corpo de Exército, referindo-se ao apoio prestado pelo Brasil aos EUA, durante a Campanha da Itália. Os elogios demonstram que: “a DIE teve uma parte importante na longa campanha, agora, felizmente terminada. [...] a contribuição do Brasil foi vital para a vitória e a captura da 148º DI Alemã”³⁰. A partir do dia 3 de junho de 1945, “de acordo

com o calendário do Comando do Teatro de Operações da Itália, as unidades brasileiras iniciaram os seus deslocamentos para a área de Francolise” (Ibid., p. 233), nas proximidades de Nápoles, a fim de aguardar o dia do regresso ao Brasil. Os deslocamentos “foram feitos em transporte automóvel, por Gênova-Livorno-Roma-Francolise; em via férrea por Bolonha-Livorno-Francolise; e por via marítima, entre Livorno e Nápoles” (Ibid., p. 235).



Figura 3 – O Tenente Apollo recebe a Distinguished Service Cross, o maior prêmio que o Exército dos EUA pode conceder a militares e estrangeiros, das mãos do General Lucian Truscott, comandante do V Exército dos EUA (Itália, 19 de maio de 1945)

Fonte: Monteiro, 2006

Finalmente, o General Mascarenhas de Moraes determinou que a regra para o embarque dos escalões deveria ocorrer em respeito à antiguidade, de acordo com o estabelecido no TO, assim como em obediência à necessidade de serviço. “Estava assim traçado o modo pelo qual seria processado o regresso das unidades e dos diversos órgãos do Primeiro Escalão da FEB” (Ibid., p. 236).



Figura 4 – Apollo Miguel Rezk fotografado na Itália, no final da guerra

Fonte: Monteiro, 2006.

³⁰ Ibid.



No dia do embarque, foram empregados navios de transporte norte-americanos, bem como outras embarcações brasileiras, convenientemente adaptados para cumprir a missão. Sendo assim, as tropas brasileiras iniciaram o deslocamento de regresso ao Brasil, a partir do porto de Nápoles. Segundo Moraes, foram enviadas algumas relações de pessoas que estavam embarcadas nos navios a fim de que fosse preparada uma recepção na chegada ao Rio de Janeiro (Ibid., p. 238). O desembarque das tropas no Brasil aconteceu em diversos momentos, já que a FEB foi dividida em vários escalões. Dessa forma, o último escalão da força brasileira chegou em 3 de outubro de 1945.

Em 8 de dezembro de 1945, consta nas folhas de alterações do Tenente Apollo uma publicação, registrando que foi agraciado, em 15 de agosto de 1945, com a Medalha de Campanha, de acordo com o Decreto-Lei nº 16.821, de 13 de outubro de 1944. A condecoração tinha por finalidade homenagear os oficiais da ativa, da reserva e reformados, e civis que prestaram serviços relevantes de quaisquer naturezas, referentes ao esforço de guerra, preparo de tropa, ou desempenharam missões especiais confiadas pelo governo brasileiro, dentro ou fora do país.

Em 21 de janeiro de 1946, foi publicado, nas folhas de alterações do tenente Apollo, que ele recebeu do presidente da República a Medalha Cruz de Combate de 1ª Classe, criada pelo Decreto nº 6.795, de 17 de agosto de 1944, entregue em solenidade realizada no Forte Duque de Caxias.

Em 1º de março de 1946, foi publicado, nas folhas de alterações do Tenente Apollo, o recebimento da Medalha de Sangue, com o respectivo diploma, no dia 21 de fevereiro de 1946³².

Além dessas condecorações, o presidente da República, em decreto do dia 29 de junho de 1947, resolveu conceder a Medalha de Guerra ao Tenente Apollo, cujo ato foi publicado nas folhas de alterações do militar naquele ano³³.

CONCLUSÃO

Neste trabalho de pesquisa, foi possível observar a notável trajetória militar do Tenente Apollo nos campos de batalha da Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Para isso, foram analisados documentos extraídos de fontes primárias, pertencentes ao AHEx, CPOR/RJ, assim como ao Regimento Sampaio, unidade na qual incorporou e pela qual lutou durante todo o conflito. Além disso, foram utilizadas obras de autores renomados na historiografia produzida sobre a FEB.

A investigação buscou verificar os feitos realizados pelo Tenente Apollo Rezk nas ações que foram confiadas ao seu pelotão. Durante o estudo, ficou evidente que o militar contribuiu de maneira decisiva em diversas missões, conquistando pontos importantes para a 1ª DIE, sendo reconhecido por seus superiores, e, conseqüentemente, recebendo diversos elogios, como, por exemplo, por ocasião da conquista da Cota 958-La Serra, quando, mesmo ferido, manteve seu pelotão em posição de combate.

Luiz Mergulhão (2014) observa, em seu livro *Major Apollo, o herói esquecido*, que o comandante do Regimento Sampaio admitiu que a vitória da Cota 958-La Serra foi de grande relevância para o curso da guerra na região de Monte Castelo. O General Crittenberger, comandante do IV Corpo, mandou elogiar os militares brasileiros envolvidos na conquista da posição, já que a região representava um triunfo importante para as operações subsequentes.

³²Folhas de alterações do major Apollo Miguel Rezk, acervo do Regimento Sampaio, atual 1º BI Mec (Es).

³³Ibid.



As folhas de alterações do Tenente Apollo registram todas as missões que foram a ele confiadas no decorrer da guerra. O resultado incidu no recebimento de menções elogiosas e condecorações nacionais e estrangeiras, evidenciando o reconhecimento de seus superiores pelos feitos nos campos de batalha da Itália.

Percebe-se, no entanto, que o presente estudo não esgota todas as facetas relacionadas com o Tenente Apollo na Segunda Guerra Mundial, mas abre caminho para novas pesquisas associadas ao tema, que explorem sua trajetória pessoal e o papel desempenhado pelos oficiais da reserva na FEB, a fim de revelar novos fatos importantes que não foram abordados nesta pesquisa.

FONTES DOCUMENTAIS

Folhas de alterações do Major Apollo Miguel Rezk, acervo do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro.

Folhas de alterações do Major Apollo Miguel Rezk, acervo do Regimento Sampaio, atual 1º Batalhão de Infantaria Mecanizada (Escola).

Pasta do Regimento Sampaio, acervo do Arquivo Histórico do Exército.

Pasta individual do Major Apollo Miguel Rezk, acervo do Arquivo Histórico do Exército.

BIBLIOGRAFIA

BORGES, Kepler. *O Brasil na guerra*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho, 1947.

BRANCO, Manoel Thomaz Castelo. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

CAMPELLO, Ruy Leal. *Um capitão de infantaria da FEB*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

DARÓZ, Carlos. Condecorações: a Estrela de Prata (Silver Star). *Carlos Daróz-História Militar*, 20 fev 2010. Disponível em: <<http://darozhistoriamilitar.blogspot.com/2010/02/condecoracoes-estrela-de-prata-silver.html>>. Acesso em: 26 out 2023.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MCCANN; Frank D. *Aliança Brasil Estados Unidos: 1937/1945*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

MERGULHÃO, Luiz. *Major Apollo, o herói esquecido*. Rio de Janeiro: [s.e.], 2014.



MOARES, João Baptista Mascarenhas de. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.

MONTEIRO, Sérgio Pinto. *O Resgate do Tenente Apollo*. Rio de Janeiro: CNOR, 2006.

OLIVEIRA, Dennison. *Aliança Brasil-EUA: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: Juruá, 2015.

PEREIRA, M. J. *Politizando o cotidiano: repressão aos alemães em Curitiba durante a Segunda Guerra Mundial*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

ROSTY, Claudio Skora. *A FEB na Itália. X Seminário nacional sobre a participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército, 2023.

SEINTENFUS, Ricardo. *O Brasil vai à guerra: o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. Barueri: Manole, 2003.

SILVEIRA, Joaquim Xavier. *A FEB por um soldado*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército/Editora Expressão e Cultura Ltda., 2001.

TRESPACH, Rodrigo. *Histórias não (ou mal) contadas: Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Harpers Collins, 2017.



José Carlos Meireles da Silva é subtenente de Intendência do Exército Brasileiro. Graduado em História pela Universidade Federal do Amazonas e em Geografia pelo Centro Universitário Maringá, e mestre em história pela Universidade Salgado de Oliveira. Atualmente, é Pesquisador da Seção de Simbologia Marcial do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército.

ID Lattes: 3072342241558123.



Fabíola Michelle Andrade de Oliveira é graduada em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul e em Turismo pela Universidade Paulista, e pós-graduada em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Cândido Mendes. Trabalha no Centro Educacional José de Paiva Netto, no Rio de Janeiro.